

A APROPRIAÇÃO DE CAMÕES REALIZADA POR DRUMMOND EM A ELEIÇÃO DIFERENTE

Beatriz Teixeira FIQUER¹

Pós-doutoranda em Língua Portuguesa da PUC-SP

RESUMO

O trabalho analisa a crônica “A eleição diferente”, publicada em 1957 na obra *Fala, amendoeira*, de Carlos Drummond de Andrade, verificando como o escritor brasileiro se apropria de uma das estrofes do episódio da *Ilha dos Amores* do poema épico *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, para construir o significado que passa a ter o texto do século XVI nessa crônica, bem como permitindo a interpretação que se apresenta, considerando o contexto em que foi produzida. Para tanto, a análise tem como base o conceito de apropriação de Chartier (1988), dentro da linha de pesquisa das Histórias das Ideias Linguísticas (HIL).

Palavras-chave: Apropriação. Camões. Carlos Drummond de Andrade. Crônica. História das ideias linguísticas.

“... a Literatura constitui uma forma de conhecer o mundo e os homens: dotada duma séria ‘missão’, ela colabora para o desvendamento daquilo que o homem, consciente ou não, persegue toda a existência.”²

Massaud Moisés

Considerações iniciais

Tendo como linha de pesquisa a História das Ideias Linguísticas, pois, o historiador das ideias linguísticas:

mais que localizar a fonte de um pensamento, deverá analisar, no contexto em que foi criada, como frutificou, foi compreendida, difundida, interpretada e representada, mergulhando em sua profundidade, enxergando os fios que a constituíram e todos os seus reflexos, favorecendo uma melhor compreensão da Linguística atual. (FÁVERO & MOLINA, 2004, p. 114)

¹ Email: biafiquer@gmail.com

² Citação retirada de MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1970, p. 28

E considerando que a literatura pode ser tomada como fonte histórica uma vez que ela “constitui uma espécie de consciência social do contexto no qual se origina e com o qual mantém intensas e complexas ligações, que serão únicas em cada obra e constituirão a feição particular de todas elas” (MARTINO, 2013, p.27), este trabalho aborda especificamente a apropriação, de acordo com o conceito de Chartier (1988), buscando verificar como se dá essa apropriação, especificamente de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, na crônica “A eleição diferente”, publicada em 1957 na obra *Fala, amendoeira*, de Carlos Drummond de Andrade, uma vez que é comprovada a relação intertextual explícita existente entre essas obras. Ou seja, verificar, a partir dessa apropriação como ocorre o apontado por FAVERO & MOLINA (2004, p.114), a frutificação do texto camoniano na crônica do escritor brasileiro aqui analisada.

Chartier (1988), ao apresentar a apropriação como um dos seus recursos metodológicos para a Nova História Cultural, apresenta também como um desses recursos a representação, a qual, para a História das Ideias Linguísticas, possibilita compreender o funcionamento de uma sociedade, ou mesmo “definir as operações intelectuais que lhes permitem apreender o mundo” (CHARTIER, 1988, p.23) E o autor vai além, pois diz haver outro motivo por que a representação é fundamental para uma abordagem da história cultural:

Mais do que o conceito de mentalidade, ela permite articular três modalidades de relação com o mundo social: em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns “representantes” (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe, da comunidade” (CHARTIER, 1988, p. 23).

Isso, então, leva ao fato de que se deve estudar o modo como Carlos Drummond de Andrade, enquanto leitor do texto camoniano, vai se apropriar dos versos do vate português para refletir e representar a sua realidade, o seu momento histórico social, uma vez que

No ponto de articulação entre o mundo e o texto e o mundo do sujeito coloca-se necessariamente uma teoria de leitura capaz de compreender a apropriação dos discursos, isto é, a maneira como estes afetam o leitor e o conduzem a uma nova norma de compreensão de si próprio e do mundo (CHARTIER, 1988, p. 24).

Assim, a apropriação na História das Ideias Linguísticas, “tem por objetivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem.” (CHARTIER, 1988, p. 26).

Entretanto, para permitir estudos e abordagens como as realizadas neste trabalho, é necessário dizer também que:

A análise sociológica e histórica sobre a forma como Chartier construiu seus conceitos de representação, prática e apropriação, nos mostra que esse autor interiorizou de forma decisiva as noções de *habitus* e *campo*. Tanto do ponto de vista de elaboração dos conceitos, como para a construção da função e das condições de aplicabilidade dos mesmos enquanto instrumentos teórico-metodológicos de análise da história cultural. Neste contexto, o autor revelou-se consciente da não pretensão de fazer de tais esquemas, nem uma teoria acabada do conhecimento sobre tais conceitos, nem uma teoria histórica geral e universal de determinado sistema social. (PACHECO, 2005, p.5)

O que permite a Chartier tecer a seguinte consideração: “as significações múltiplas e móveis de um texto dependem das formas por meio das quais é recebido por seus leitores (ou ouvintes).” (CHARTIER, 1991, p.178) como é feito por Carlos Drummond de Andrade em sua crônica não só enquanto leitor de Camões, mas também como aquele que se apropria do texto do outro para que, com uma ressignificação, construa o seu texto que terá outros leitores – “A eleição diferente”, por exemplo, encontra-se em um livro que tem tiragem até os dias atuais e, portanto, leitores desde a sua primeira edição.

Dessa forma, considerando que a apropriação “visa a uma história social dos usos e das interpretações, referidas a suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem” (CHARTIER, 1991, p.181) e que “voltar a atenção para as condições e os processos que, muito concretamente, sustentam as operações de produção do sentido” (CHARTIER, 1991, p.181) passaremos a analisar a crônica “A eleição diferente” em que há apropriação feita por Drummond de alguns versos de *Os Lusíadas*.

A crônica *A eleição diferente*

Vale lembrar, primeira e brevemente, o episódio da Ilha dos Amores de *Os Lusíadas*, uma vez que é de onde Carlos Drummond de Andrade retirará os versos utilizados em sua crônica.

Nesse episódio do épico camoniano, que se inicia na estrofe 18 do Canto IX e se finda na estrofe 143 do Canto X, ocorre a última intervenção de Vênus no que concerne as navegações portuguesas dentro da obra: não só premiar os argonautas portugueses por suas conquistas, pois

Para além de proporcionar o merecido repouso aos navegantes cansados e para além de lhes conceder o prêmio e a glória devidos aos seus trabalhos e feitos, Vênus quer que no reino do oceano, em cujas águas nasceu [...] seja gerada uma “progénie forte e bela”, dotada do poder de regenerar o mundo corrompido e mau, graças ao império lustral do amor. Com a harmonia de sua paisagem, com os primores da sua flora, desde as árvores às flores e aos frutos – quantas sugestões e alusões sensuais e sexuais nas suas formas, nas suas cores, nos seus perfumes... -, com o encanto venatório da sua fauna. A “Ilha Namorada” configura-se como o *locus amoenus* que há de ser também o *locus eroticus*, o leito nupcial da união amorosa entre as ninfas e os navegantes da qual nascerá a geração redentora do futuro... (SILVA, 2011, p.440)

É também nesse episódio em que Vênus apresenta à Vasco da Gama a “Máquina do Mundo” em que, em linhas gerais, os portugueses são elevados à condição de deuses (de maneira simbólica), uma vez que só a estes é permitido contemplar tal máquina. Nesse trecho, Vênus leva Vasco da Gama ao ponto mais alto da Ilha e lhe mostra as terras conquistadas e “por conquistar”. Para Hélio J. S. Alves

a máquina do mundo tem um significado ideológico que não pode ser menosprezados. Ele sintetiza o mundo ideal proposto por Camões, um mundo que, por isso mesmo, ela legitima, integrando, como pertencente ao curso natural das coisas, a história e a expansão portuguesa, a dilatação da fé e do império que Tétis tão pormenorizadamente aponta e descreve. Como trecho representativo *in parvum* do poema inteiro, o globo alegoriza a união estática dos portugueses com o princípio providencial que orienta e organiza o seu mundo; por outras palavras, fundamenta o domínio físico do mar e das novas terras de África, de Ásia e da América como domínio teológico-político da monarquia católica sobre regiões e religiões gentias e infiéis, divinizando a História de Portugal (HANSEN 2005, p.187)³. *Os Lusíadas*, ao erguerem o modelo provençal da perfeição divina, neutralizam as ações lusitanas como justas e certas no agora e no porvir. (ALVES, 2011, p. 558)

Dessa forma, em “A eleição diferente” (1957), Carlos Drummond de Andrade mistura o elemento clássico dos versos camonianos do citado episódio aos elementos triviais de um dia de eleição no Rio de Janeiro, criando uma situação de humor que caminha para uma ironia sutil ao comentar a situação na seção eleitoral da Tijuca.

³ O texto do qual Alves se utiliza e cita é HANSEN, João Adolfo. A máquina do mundo. In: NOVAES, Adauto (org.). *Poetas que pensaram o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005 – p. 157-197.

Inicialmente, Drummond fala da eleição como um “espetáculo cívico”, o que seria, na verdade, uma “festa da democracia” para o narrador, afinal, no ano de publicação da crônica, as eleições eram diretas e, além disso, assegurado a todos alfabetizados, incluindo as mulheres – as quais obtiveram o direito ao voto em 1955 (dois anos antes da publicação da crônica). Percebemos, portanto, a importância de se considerar o contexto de produção para a devida compreensão do texto, ou seja, a situacionalidade considerando os estudos intertextuais, ou, como aqui nos interessa, de acordo com o momento de produção do texto.

O narrador segue seu relato sobre como se daria esse espetáculo em várias zonas eleitorais. A primeira representaria uma verdadeira festa, pois seria em alguma edificação próxima à praia:

As moças votavam de biquíni, os rapazes de short, e cada um ganhava um sorvete italiano, ao assinar o livro de presente, que não era um livro, era uma grande barraca de cores festivas. De quando em quando, a mesa interrompia os trabalhos, para jogar peteca ou dar um mergulho. (ANDRADE, 1973, p. 13)

Percebemos o uso do senso de humor neste caso como ênfase da *maravilha que seria* um dia de votação: colorido, alegre e realmente festivo.

Em seguida, o narrador fala de outra zona eleitoral, mais discreta, próxima a um cinema, o que denota uma maior seriedade e um maior sigilo dos votos, uma vez que na primeira situação “tudo é festa” e as pessoas, em meio à euforia, acabariam todos contando seus votos uns aos outros – o que denota uma situação popular.

Passamos depois por um cinema, onde funcionava outra seção. “Aqui votam os mais discretos, aqueles que levam ao extremo o sigilo do voto”, explicou-me João; e pressenti, no escuro, um movimento de mãos que recebiam e passavam cédulas, e vozes murmuradas, que eram as da chamada de eleitores, enquanto Gina Lollobrigida, na tela, colhia morangos do bosque e namorava o carabineiro. (ANDRADE, 1973, p.32)

Nota-se que, nesta seção, as pessoas são mais contidas, afinal não votam perto da praia como os outros, mas próximo a um cinema, frequentado à época por um público intelectualizado, discreto e, portanto, com *vozes murmuradas*, daí tanta discrição ao passar as cédulas enquanto se assistia a um filme com a atriz italiana mencionada, uma vez que, na década de 50, as produções cinematográficas exibidas era praticamente todas estrangeiras.

Assim, considerando essas duas seções eleitorais, é notório que os lugares da votação acabam representando e fazendo parte das características dos eleitores do local.

Então, chegamos ao relato da terceira situação: uma zona eleitoral que teria suas seções no alto do Pão de Açúcar. É neste momento em que

Passarinhos traziam no bico delicado o material da eleição, e, pelos caminhos perfumados de resina e corolas silvestres, pares enlaçados os perseguiram aos gritinhos e risadinhas, como no canto 9º dos *Lusíadas*. Quando um colibri se deixava pegar, as cédulas que ele transportava eram todas do candidato preferido pelo casal... (ANDRADE, 1973, p. 32-33)

Percebe-se que o escritor brasileiro refere-se ao episódio da *Ilha dos Amores* de Camões em que

Fugindo as ninfas vão por entre os ramos,
Mas, mais industriosas que ligeiras,
Pouco a pouco, sorrindo e gritos dando,
Se deixam ir dos galegos alcançando.
(Canto IX, 70)

Carlos Drummond de Andrade parafraseia os versos camonianos, pois, assim como as Ninfas fingiram fugir dos argonautas, deixando-se alcançar por eles, em meio a sorrisos e “gritos”, o mesmo ocorre com “os passarinhos” – metáfora para os funcionários eleitorais que eram responsáveis pela guarda dos votos e seu transporte até o local de apuração. Além da paráfrase, temos a referência ao canto retomado, bem como a citação do nome do épico camoniano.

Essa intertextualidade ocorre porque se quer reforçar a ideia de que essa seção eleitoral e, por consequência, as eleições seriam perfeitas e harmoniosas como no paraíso, representado pela Ilha dos amores em *Os Lusíadas*, afinal “todos os nomes eram ótimos”, isto é, todos os candidatos seriam dignos (como os argonautas portugueses que tiveram como prêmio de Vênus a Ilha), pois

Os canalhas se haviam regenerado ou mudado para países distantes. Quanto aos mentirosos, pensavam mentir ainda, não reparando que uma transformação interior só lhes permitia falar a verdade. (ANDRADE, 1973, p. 33).

Temos aí uma crítica aos candidatos e políticos que não eram confiáveis e a intensificação de que, de fato, “A eleição diferente” seria uma festa da democracia.

Em seguida, aparece a Academia de Letras também como uma zona eleitoral, com votação literária em que ocorreria a eleição de quarenta mulheres – referindo-se ao contexto da mulher no período em que estavam começando a ganhar seu espaço na sociedade como o direito ao voto dois anos antes – e terminaria com todos no Bar Vilarino⁴:

E aproveitando o ensejo, a Academia deliberava criar poltronas extranumerárias, que eram preenchidas ali, no sufragante, com a participação de acadêmicos e adventícios, e forma eleitas 40 mulheres e ninguém amis se entendeu daí por diante, e a eleição terminou no Bar Vilarino, entre uísques. (ANDRADE, 1973, p. 33).

A crônica se finda, falando, então, das eleições por todo o país, e já não só na cidade do Rio de Janeiro, mas a nação toda em uma grande festa em que a paz e o amor universais predominam, intensificando que essa “eleição diferente”, de fato, era um sonho feliz. Isto remete à ideia de crônica de Bender e Laurito (1993, p.44) de que esse texto é “um gênero do disfarce e ajuda a aguentar com certa fantasia a vida e a realidade”, bem como comprova o que Sá (2008, p.9) afirmou sobre o narrador, que neste caso é Carlos Drummond de Andrade, pois, uma vez que quem a narra “é o seu autor mesmo, [...] tudo o que ele diz parece ter acontecido de fato, como se nós, leitores, estivéssemos diante de uma reportagem”, ou seja, parece mesmo que essa “eleição diferente” ocorreu no Rio de Janeiro, em 1957, evidenciando o modo como Drummond, depois da apropriação, representou, de forma literária, aquele momento do ano de 1957.

Carlos Drummond de Andrade e a apropriação camoniana

Vale observar então que, primeiramente, toda essa interpretação só é possível a partir da apropriação que Carlos Drummond de Andrade faz dos citados versos camonianos. Daí verificarmos como se deu tal apropriação.

Em Camões, os versos simbolizam o momento em que as ninfas fingem fugir dos argonautas portugueses, mas se deixam apanhar exatamente porque estão ali com o intuito de

⁴ Bar Villarino, existente até os dias de hoje, está localizado no centro da cidade do Rio de Janeiro e, de acordo com a página da internet do próprio estabelecimento, “virou símbolo e referência da boemia carioca, onde, ao final do expediente, poetas, intelectuais, músicos, trabalhadores da justiça e da economia e outros profissionais, amantes de uma bebida e um bom papo para descontrair” encontram-se desde sua inauguração, em 1953.

satisfazer os desejos sexuais dos conquistadores, uma vez que fazem parte da ilha paradisíaca, que foi ofertada por Vênus como prêmio aos portugueses por terem desbravado o “mar tenebroso”, enfrentado tantas tormentas ao edificarem o império luso.

Carlos Drummond de Andrade se apropria dessa passagem, primeiramente mostrando um cenário diferente: um dia de eleição, especificamente uma sessão eleitoral no alto do Pão de Açúcar de onde se viria, portanto, a “máquina da eleição” no Rio de Janeiro, Brasil e não a “máquina do mundo” que Vênus mostrou a Vasco da Gama, numa ilha do Atlântico. Em seguida, percebemos que a conotação sexual se esvai e dá lugar à ansiedade do povo que seguia os responsáveis pela guarda dos votos até os locais de apuração, aguardando o resultado do pleito eleitoral, evidenciando a exigência apontada por Chartier (1988) de que “o ‘consumo’ cultural ou intelectual seja ele próprio tomado por uma produção, que [...] constitui representações que nunca são idênticas às que o produtor, o autor ou o artista, investiram em sua obra.” (p.59).

De fato, como observamos, ao se utilizar dos versos camonianos, ao fazer esse “consumo cultural”, o escritor brasileiro altera o significado dado por Camões no século XVI, ampliando-o: da Ilha paradisíaca em *Os Lusíadas*, para um dia de eleição na cidade do Rio de Janeiro. Ratifica também a ideia de que “mais do que um trabalho interdisciplinar — que supõe sempre uma identidade estável e distinta entre as disciplinas que firmam aliança —, é antes um recorte inédito do objeto que está proposto” (CHARTIER, 1991, p. 179), afinal não podemos negar que até então o episódio de *Os Lusíadas* não fora retomado do modo como Carlos Drummond de Andrade o fez: servindo para abordar a situação de uma eleição presidencial, governamental ou municipal.

Há também a questão da passagem “Passarinhos traziam no bico delicado o material da eleição”, uma vez que lembra os versos camonianos: “Ali no bico traz ao caro ninho / O mantimento ò leve passarinho.” (Canto IX, 63). Na epopeia, os versos servem para descrever o ambiente da ilha, a harmonia, a “frescura” no sentido, não só de paradisíaca, mas de calma, tranquila. Carlos Drummond de Andrade ligará estes versos, metaforicamente como já mencionado, a representação de alguém que carrega os votos – na época impressos – algo caro, como é o alimento levado pelo pássaro a seus filhotes quando nascem para que sobrevivam.

É importante ressaltar, mais uma vez, que a continuidade da crônica, especialmente a crítica que é feita quanto à honestidade dos candidatos, é construída a partir da apropriação que o escritor brasileiro faz dos versos lusíadas, sem a qual não só o fragmento perde todo seu

significado, mas todo o texto, uma vez que essa apropriação será o fio condutor até a conclusão da crônica:

E íamos sobre o Brasil afora, e todo o Brasil votava como lhe parecia, dançando, cantando, confraternizando; e voávamos e voávamos sobre a paz e o amor universais. Há sonhos felizes. (ANDRADE, 1973, p. 15).

Notamos, novamente, a presença do espírito alegre desse dia atípico, em que os verbos “dançando, cantando, confraternizando” parecem-nos retomar o episódio da Ilha dos amores em que, embora como o já citado, prevalecesse a conotação de as ninfas satisfazerem os desejos sexuais dos argonautas, há também o banquete em que se deliciam, a música – “Alguas, doces cítaras tocavam, / Alguas, harpas e sonoras frautas” (Canto IV, 64) – e a afirmação de que se tratava de uma verdadeira festa:

Assi Cantava a Ninfa; e as outras todas,
Com sonoros aplausos, vozes davam,
Com que festejam as alegres vodas
(Canto X, 74)

Ainda no trecho final da crônica, notamos a referência ao passarinho lusíada, não mais como a pessoa que leva os votos, mas, agora, uma metáfora para o voar tranquilo do pássaro que, talvez, possa representar o amor no sentido de levar a comida aos filhotes, uma representação do amor universal nessa passagem do texto drummondiano.

Conclusão

Drummond comprova a afirmação de Chartier (1988) de que uma abordagem reducionista em que se toma o texto apenas por seu conteúdo semântico, “como se existisse fora dos objetos que o oferecem à decifração – o leitor – (...) como se as práticas através das quais ele se apropria do texto não fossem histórica e socialmente variáveis” (CHARTIER, 1988, p.25), deixando evidente, portanto, que, além de o texto não ser independente, isto é, não ser possível “postular que as ideias ou formas têm um sentido intrínseco, totalmente independente da sua apropriação por um sujeito ou por um grupo de sujeitos” (CHARTIER, 1988, p.58), nessa apropriação do escritor brasileiro, obviamente um leitor de Camões, séculos depois da composição original,

dá-lhe novo significado ao modificar, de acordo com o contexto, e o faz com inegável qualidade de forma que sem essa apropriação a crônica, simplesmente, não existira dessa forma, com essa interpretação, permitindo-nos aproximar dois grandes escritores da língua portuguesa e estudá-los dessa forma.

Referências bibliográficas

ALVES, Helio J. S. Máquina do mundo n'Os Lusíadas. In: SILVA, Vitor Aguiar e. (coord). *Dicionário de Luís de Camões*. São Paulo: Leya, 2011 – p. 555- 559.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Fala Amendoeira*. 5. ed. Rio de Janeiro. José Olympio Editora, 1973.

BENDER, Flora Christina Bender. LAURITO, Ilka Brunhilde. *Crônica: História. Teoria e prática*. São Paulo: Scipione, 1993.

CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Organizado por Emanuel Paulo Ramos. 4. ed. Porto: Ed. Porto, 1982.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Trad. Andrea Daher e Zenir Campos Reis In: *Estudos avançados*. 1991.

_____. *A História cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1988.

FÁVERO, Leonor Lopes & MOLINA, Márcia Antonia Guedes. *História das ideias linguísticas: origem, método e limitações*. In: Revista Anpoll. Núm.16. São Paulo, 2004.

MARTINO, Agnaldo. *Machado de Assis e a Língua Portuguesa na segunda metade do século XIX*. São Paulo, 2013. 217f. Tese. (Doutorado em Língua Portuguesa) PUC-SP.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1970.

O cinema nos anos 1970: censura e patrocínio estatal. Disponível em <http://memoriasdaditadura.org.br/cinema/index.html> Acessado em 19/01/2018.

PACHECO, Alexandre. As implicações do conceito de representação em Roger Chartier com as noções de habitus e campo em Pierre Bourdieu. In.: ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, Londrina, 2005. p. 1 - 5.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2008.

SILVA, Vitor Aguiar e. (coord). *Dicionário de Luís de Camões*. São Paulo: Leya, 2011.

<http://www.villarino.com.br/home.jsp> Acessado em 26/06/2015.

DRUMMOND'S APROPRIATIONS OF CAMÕES IN *THE DIFFERENTE ELECTION*

ABSTRACT

This paper analyzes the chronicle "The Different Election" published in 1957 in the book *Fala, amendoeira*, by Carlos Drummond de Andrade, verifying how the Brazilian writer appropriates one of the stanzas of the episode of the Island of Loves of the epic poem *Os Lusíadas*, by Luís de Camões, to construct the meaning that comes to have the text of the sixteenth century in this chronicle, as well as allowing the interpretation that is presented, considering the context in which it was produced. For this, the analysis is based on the appropriation concept of Chartier (1988), in the line of research of Histories of Language Ideas (HIL),

Keywords: Appropriation . Camões. Carlos Drummond de Andrade. Chronic. History of linguistic ideas.

Envio: janeiro/2018

Aceito para publicação: maio/2018